

Marx: uma introdução

JORGE GRESPAN

São Paulo: Boitempo, 2021. 104p.

Geise Targa de Souza*

Jorge Grespan propõe em *Marx: uma introdução* apresentar o desenvolvimento teórico e político do pensamento de Karl Marx, bem como a atualidade de sua crítica ao capitalismo. O livro conta com uma nota explicativa, um texto de apresentação e se divide em seis capítulos, que versam sobre os conceitos de *alienação*, *mercadoria*, *fetichismo*, *ideologia*, *crise e revolução*, *valor de uso*, *valor*, *mais-valor*, *capital* e *história*.

O texto constrói-se a partir do reconhecimento de que Marx aprimorou e desenvolveu continuamente sua crítica à sociedade burguesa, rejeitando qualquer tese de ruptura epistemológica em suas obras. Além disso, demonstra a influência de Hegel, mas também os aspectos ideológicos condenados por Marx. Nesse sentido, a dialética marxista objetivou desnudar o funcionamento do sistema capitalista, denunciando as representações construídas pelo capital para ocultar seu lado negativo e sua própria contradição interna.

O primeiro capítulo aborda a *alienação*. Antes de definir esse conceito, o autor reconstrói o processo por meio do qual Marx chegou a sua formulação. A análise sobre a propriedade privada dos meios de produção associa-se à rejeição da tese da igualdade jurídica, visto que ela oculta a desigualdade social do sistema capitalista. A propriedade privada dos meios de produção submete o trabalhador,

* Mestra em História pela Unifesp. E-mail: geisetarga@gmail.com

instaurando o processo de estranhamento que caracteriza a alienação. Grespan demonstra, assim, como o descolamento entre o trabalho e a propriedade dos meios de produção impacta os trabalhadores, que ao não se reconhecerem naquilo que produzem, não se veem como produtores e sim como consumidores.

O capítulo “Mercadoria e capital” tem como objetivo explicitar como a mercadoria assume uma forma específica no capitalismo, ou seja, tudo que é produzido pelo ser humano torna-se mercadoria destinada à troca, incluindo a própria força de trabalho. Marx distingue *trabalho concreto* (relacionado ao *valor de uso*) e *trabalho abstrato* (que estabelece o *valor* amparado em determinadas relações sociais e históricas), destacando como o dinheiro torna-se o equivalente geral no processo de troca de mercadorias e aparece como aquele que atribui *valor* a elas, ocultando, desse modo, o fato de que o *valor* é produzido pelo *trabalho*. Grespan chama atenção para a coexistência de duas lógicas no sistema capitalista, a saber: *vender para comprar* e *comprar para vender*. Enquanto a segunda caracteriza o sistema capitalista, isto é, produzir *mais-valor* e dessa forma garantir o lucro, a primeira indica como um aspecto jurídico-formal, a igualdade jurídica, parece nivelar trabalhador e proprietário dos meios de produção no mercado, ocultando a desigualdade social produzida pelo processo. O trabalhador não é igual ao capitalista, pois trabalha para adquirir meios de consumo necessários para a manutenção da sua existência.

Em “Fetichismo, para além da mercadoria”, o autor demonstra que o *fetichismo* é um conceito central na obra de Marx e resulta do aprofundamento da reflexão sobre a alienação. O objetivo desse conceito é explicitar a inversão entre pessoas e coisas, além de, ao mesmo tempo, desnudar as formas de representação do capital, mostrando como, em seu funcionamento, esse sistema opera uma inversão: sua aparência oculta seu lado negativo, sua contradição interna. E, de acordo com Grespan, fetiche é o poder da mercadoria, do dinheiro ou do capital de mover indivíduos para viverem de acordo com uma dada representação do capital. Portanto, o fetiche é uma ilusão real. O capital, em suas diversas manifestações, apresenta-se como *valor que se valoriza*, pretende atribuir a si mesmo a função de produzir *valor*, ocultando que o *valor* só é produzido pelo trabalho. Essa dinâmica demonstra não só a oposição existente entre *força de trabalho* e *capital*, mas também a contradição interna desse sistema: ao negar o trabalho vivo o capital nega a si mesmo; ao reproduzir-se, ele também produz seu próprio fim.

O conceito de *ideologia* é tratado no capítulo “Ideias e representações”. Segundo Grespan, Marx parte do fetichismo para analisar a relação entre a produção de ideias e a produção da vida. No processo de reprodução do capital, o sistema não produz apenas os meios para a sua valorização, mas também as ideias que permitem sua manutenção. Nesse sentido, o autor aponta como a ideologia está relacionada à luta de classes, visto que, no sistema capitalista, a classe dominante não detém apenas a propriedade dos meios de produção, mas os meios para produzir e difundir suas ideias como aquelas que deveriam representar todas as

classes. Essas ideias ocultam o modo de funcionamento do capital e sua contradição interna, garantindo a exploração dos trabalhadores, relegando o trabalho e a produção das condições de existência a um segundo plano e situando a defesa da propriedade privada no centro da vida.

Em “Crises econômicas”, o autor defende a tese de que, no sistema capitalista, as crises são inevitáveis, embora elas possam ser retardadas mediante contradições do próprio sistema. Elas surgem em função da contradição interna desse sistema, ou seja, o capital opõe-se ao trabalho (que produz e mede o *valor*). Ao negar o trabalho e tentar substituí-lo, o capital perde a capacidade de medir-se (*desmedida*), se desvaloriza e inevitavelmente caminha para a crise, que, segundo Grespan, é a autocrítica objetiva do capital, resultado da negação das suas condições de existência. Para o autor, a crença de que as crises têm origem financeira faz parte do fetiche capitalista, na medida em que elas resultam da oposição entre força de trabalho e capital e se situam na esfera produtiva. Ele também assevera que a *taxa de lucro* e a *taxa de juros* são medidas formais e fetichizadas que negam a medida real, a *taxa de mais-valor*.

O último capítulo, “História e revolução”, demonstra como a concepção de história está ligada à de revolução no pensamento de Marx. Grespan mobiliza o conceito de *modo de produção* (dependência recíproca entre *relações de produção* e *forças produtivas*, que pode ser contraditória) e *luta de classes* para indicar como a distribuição excludente da propriedade privada dos meios de produção caracteriza o capitalismo. Assim como as crises, o processo revolucionário também é relativamente indeterminado, momento em que a luta de classes desempenha o papel central. O conceito de *práxis* é destacado para exemplificar o potencial de superação do capitalismo. Por fim, o autor indica como o comunismo possibilitaria a liberdade do indivíduo, o fim do Estado, das classes sociais e da distorção da realidade manifestada nas representações fetichistas do capital.

O debate em torno das representações do capital, como ele se reproduz e garante a exploração dos trabalhadores constitui o fio condutor do livro, sem perder de vista, evidentemente, o potencial para superação do capitalismo. Desse modo, pode-se dizer que, assim como as obras de Marx, o texto de Grespan é um chamado para a ação e para a transformação social.

De modo geral, a publicação aborda de forma consistente e com apurado rigor os escritos de Marx e sua atualidade, sem negligenciar sua história vivida, o desenvolvimento de sua teoria e de sua prática política. Corrige muitos estigmas atribuídos a Marx e aponta possibilidades para se pensar diversos problemas dentro do marxismo. Justifica-se, assim, sua leitura não apenas por iniciantes na obra do autor, mas também por aqueles que pretendem conhecer os desenvolvimentos críticos sobre a produção intelectual de Marx.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Miséria na filosofia marxista:

Postone leitor do *Capital*

Jacques Bidet

A crise mundial e suas consequências

Maria de Lourdes Rollemberg Mollo

Lukács e a necessidade social da religião

Ranieri Carli

Ideologia e educação estética no cinema

Ronaldo Rosas

**Documento: Carta ao Comitê Central
do Partido Comunista**

Louis Althusser

41